

# Tratado de Proteção da Diversidade

SEXUALIDADE, GÊNERO E DIREITO

Coordenador: Tiago Pavinatto

Adriana Galvão Moura Abílio  
Alex Silva Oliveira  
Alexandre Saadeh  
Álvaro Villaça Azevedo  
Aurora Bertassoni Schwinn  
Cláudio Martins  
Daniella Zagari  
Davi Lago  
Gilberto Bergstein  
Gustavo Ferraz de Campos Monaco  
José Serra  
Luiz Edson Fachin  
Luiz Fernando do Vale de Almeida Guilherme  
Manuella Santos de Castro

Maria Berenice Dias  
Nelcina C. de O. Tropardi  
Paola Cantarini  
Paulo Borba Casella  
Pedro Hartung  
Pedro Mendes da Silva  
Polianna Pereira dos Santos  
Regis Fernandes de Oliveira  
Renata Honório Ferreira Camargo Viana  
Rodrigo Francisconi Costa Pardal  
Rui Geraldo Camargo Viana  
Teresa Ancona Lopez  
Tiago Pavinatto  
Willis Santiago Guerra Filho

  
ALMEDINA

### **3. DIVERSIDADE SEXUAL: UMA REFLEXÃO SOBRE PRECONCEITOS NAS COMUNIDADES LGBT E SOBRE A NECESSIDADE DE ENCAIXE COM ESTEREÓTIPOS**

*Luiz Fernando do Vale de Almeida Guilherme*

Discutir acerca da temática da *diversidade sexual* exige reflexões que certamente estão distantes da profundidade própria de um pires. Há que se desprender de inúmeros preconceitos e que se estar aberto a raciocínios próprios do estudioso, ávido por crescimento pessoal ou por querer contribuir socialmente.

Adentrar nos debates sobre *diversidade sexual* demanda que se discuta parâmetros como *sexo; gênero; identidade de gênero e orientação sexual*, sendo, porém, que conversar acerca de tais temáticas representa apenas a margem de universo que deve ter as suas fronteiras invadidas para que se dialogue a respeito do próprio ser humano, com as suas evoluções e involuções; complexidades e, por que não, existencialismo.

Essas bases devem ser colocadas em xeque porque aqui se procurará – sem qualquer fertilização de verdades absolutas –, colocar em debate o próprio universo das comunidades LGBT's, que com as suas vicissitudes, avanços e sucessos em suas causas, parece também apresentar as suas contradições existenciais.

Para tanto se lançará mão de uma visão honesta, real; por vezes precipitada e equivocada, mas certamente zelosa em relação aos triunfos das comunidades defensoras de direitos de uma minoria que ainda carece de suporte e que tem o mais total respeito desses provocadores.

Outrossim, esse texto de reflexão em muito se apoiará nas percepções e nos “devaneios” (sem qualquer tom pejorativo) de estudiosos e pensadores.

**1. Tratando de diversidade sexual, o que seriam *sexo*; *gênero*; *identidade de gênero* e *orientação sexual*?**

O homem costuma ter a prática de reduzir e conceituar fenômenos como forma de melhor compreender o mundo. Trata-se de um afazer um tanto reducionista, que posiciona os elementos constituintes do mundo em “caixinhas”. Sendo o mais justo ou não, o fato é que isso costuma facilitar interpretações. Daí se tem que a “definição” de algo representa uma verdade absoluta a respeito daquilo, não sendo passível de se fazer prova em contrário, pois que se percebe claramente desde onde se parte e até onde se chega, sendo assim tal vocábulo típico das ciências exatas. Depois há o “conceito” de algo – bastante próprio das ciências sociais – já que significa uma percepção de aceitação (mas não de certeza) de uma realidade. Por último há a “teoria”, que nada mais é do que algo embasado segundo um fundamento, sendo aquela que apresenta o menor grau de certeza das três.

A relevância dessa explanação está no fato de que o ser humano – ainda bem – em dado momento se permitiu o debate e passou a derrubar dogmas arcaicos a respeito da sexualidade e de inúmeros temas a ela correlatos. Foram caindo preconceitos anacrônicos (com o perdão do pleonasma) e foram sendo abertas portas para novos pensamentos dotados de grau de certeza mais justos e modernos, na forma de conceitos. Hoje, quando se fala sobre parâmetros de aceitação e de tolerância se tem cravado mais do que meras opiniões sobre certos assuntos, mas sim verdadeiros conceitos como, por exemplo, aqueles que tratam de *sexo*, *gênero*, *identidade de gênero* e *orientação sexual*. Porém, se esses são apenas o ponto de partida dessa reflexão, notadamente estão longe de ser o ponto de chegada.

Bem, sendo assim, *sexo* nada mais é do que um substantivo que representa características biológicas que diferenciam homens e mulheres, sendo usualmente determinado pelas genitálias. Mas o *gênero* já diz respeito a uma construção social atribuída ao sexo. Melhor dizendo, conforme ensina a pesquisadora Joan Scott, “*é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder*<sup>1</sup>”. Caminhando na

<sup>1</sup> Scott, JOAN. Gender on the politics of history. New York. Columbia University Press, 1988, traduzido e publicado por Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, 1995, p. 86. Disponível em: <https://direito.mppr.mp.br/arquivos/File/SCOTTJoanGenero.pdf>

mesma linha, Maria  
“uma forma de ente  
relação entre os sex  
gênero diz respeito a  
gênero está vinculado  
rais. Por isso muitas  
dar da casa é coisa  
Medeiros e Isabela M

“o que está por tr  
se o que caracteri  
gicas e anatômica  
especificamente a  
diferença na hora  
mais atribuído a “  
“algo além” é, just

Agora, por *identi*  
se situa e se enxerg  
A partir disso se a  
que o *cisgênero*, o tr  
que o indivíduo *cis*  
e biológicas mascu  
Já o indivíduo  
nasceu com caract  
mulher, sendo in  
apontava até pouc  
turbio mental e a  
gia representa clar

<sup>2</sup> GUEDES, Maria Eu  
Nascimento. Violência  
16º Congresso Brasil  
Users/sp/OneDrive  
20200113.pdf  
<sup>3</sup> MEDEIROS, Leticia  
vel em: <https://www.p>

mesma linha, Maria Eunice Figueiredo Guedes assegura que *gênero* é “uma forma de entender, visualizar e referir-se à organização social da relação entre os sexos”<sup>2</sup>. Isso é, o que se depura das percepções é que *gênero* diz respeito aos aspectos sociais atribuídos ao sexo. Ou seja, o *gênero* está vinculado a construções sociais e não a características naturais. Por isso muitas vezes se ouve que frases como cuidar da casa “cuidar da casa é coisa de mulher”. Só que, como bem sinalizam Leticia Medeiros e Isabela Moraes,

“o que está por trás de frases desse tipo é justamente a questão de gênero: se o que caracteriza “ser mulher” são simplesmente características biológicas e anatômicas, não haveria razão para alguém atribuir uma atividade especificamente às mulheres. Afinal, qual genitália uma pessoa tem não faz diferença na hora de limpar a casa. Isso demonstra que há algum sentido a mais atribuído a “ser mulher”: algo que vai além do sexo biológico, e esse “algo além” é, justamente, o gênero”<sup>3</sup>.

Agora, por *identidade de gênero* se tem a forma como a qual o indivíduo se situa e se enxerga como ser humano dentro do escopo da sexualidade. A partir disso se abrem ao menos três novas portas, merecendo destaque o *cisgênero*, o *transgênero* e o *não binário*. Indo mais a fundo, quer dizer que o indivíduo *cisgênero* é aquele que nasceu com características físicas e biológicas masculinas, por exemplo, e que de fato se enxerga como tal.

Já o indivíduo *transgênero*, consiste naquele que, como ilustração, nasceu com características físicas masculinas mas que se enxerga como mulher, sendo importante destacar que, diferentemente do que se apontava até poucos anos atrás, a *transgeneridade* não vem a ser um distúrbio mental e as tentativas de transformar essa percepção em patologia representa clara violação dos direitos humanos da pessoa humana.

<sup>2</sup> GUEDES, Maria Eunice Figueiredo. Gênero, o que é isso? In: RAMOS, Tayane Mariza Nascimento. Violência Doméstica entre Lésbicas e a Aplicabilidade da Lei Maria da Penha. 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, Brasília, p. 4. Disponível em: file:///C:/Users/ap/OneDrive%20-%20AGLAW/downloads/1243-Article%20Text-2386-1-10-20200113.pdf

<sup>3</sup> MEDEIROS, Leticia; MORAES, Isabela. Gênero: você entende o que significa? Disponível em: <https://www.politize.com.br/vamos-falar-sobre-genero/>

Ainda sobre a identidade de gênero há o indivíduo *não binário*, que representa classificação caracterizadora da real mistura entre masculino e feminino, ou, simplesmente, a total indiferença entre ambos. Logo, os indivíduos *não-binários* sublimam os papéis sociais que são atribuídos aos *gêneros*, criando uma terceira identidade que foge por completo do padrão “homem-mulher”.

Essas três portas, quando abertas, ligam o visitante ao caminho que tem como destino a identidade de gênero, simbolizada na como a pessoa se enxerga e como ela se relaciona psicologicamente com as suas características genéticas e fenotípicas.

Por fim há a orientação sexual, que nada mais é do que a expressão da sexualidade e da afetividade de uma pessoa e por quem ela sente atração. Assim, uma pessoa que nasceu com características físicas e biológicas masculinas mas que se enxergue como mulher – formatando o *trâns-gênero* – pode ter conexão afetiva e sexual por pessoa do mesmo sexo biológico a dela ou não, e igualmente pode ter atração por quem se enxergue como *cis-gênero*, *trâns-gênero* ou *não-binário*.

Dá a importância de trazer à baila os conceitos da *identidade de gênero* e da *orientação sexual*, porque se a *identidade de gênero* é a forma como a qual uma pessoa, independentemente das suas características físicas e biológicas, se percebe; e se a *orientação sexual* é a expressão da afetividade de uma pessoa, ambos os conceitos contribuem para formar a diversidade sexual.

## 2. Universo lgbt: do mais profundo respeito às causas até os debates sobre certa incongruência

Feitas as considerações predecessoras, parece salutar – com o devido cuidado – confrontar algumas bases da sexualidade e da diversidade sexual evidenciadas pela comunidade LGBT com algumas posturas percebidas dentro da própria comunidade.

É muito importante que o primeiro afazer a ser realizado nesse processo seja o de deixar claro o mais legítimo respeito às causas da comunidade, assim como os profundos avanços por elas obtidos no final do século XX e no início do atual, dados os embates e a coragem da comunidade. Isso precisa ser colocado como premissa – como pedra fundamental –, a fim de que se não se conseguir afastar na sua inteireza, ao menos se suavize uma eventual percepção mais precipitada e injusta,

que entenda que negligenciando longo de tantas

Outrossim, há não em apreço o preconceito que direitos e valores (e eventualmente) tido de, mais adiante como pano de fundo meio da sexualidade que é dos princípios próprio ser humano

Estabelecido todos ganham vida: a possibilidade de universo essencial visto e excluídos operadores da comunidade nichos? E o que isso se depuraria dos criam e se colocam É possível nos para podermos alcançar conquistas tão justas momento da reflexão

## 2.1. Os grupos que

As comunidades que procuram que tem como único aquela que a sociedade diversa daquela A rigor, a sigla sua formação, como mais, transexualidade variações e i

que entenda que uma reflexão nesses moldes esteja de algum modo negligenciando ou diminuindo os sucessos obtidos pela comunidade ao longo de tantas décadas.

Outrossim, há o claro cuidado para que não se imagine que a reflexão em apreço esteja, de algum modo, dotada de qualquer forma de preconceito que esteja tendente a crer que minorias tenham menores direitos e valores. É fundamental que se esclareça que todo pensamento (e eventualmente até a provocação) propostos têm unicamente o sentido de, mais adiante, se discutir o ser humano em sua inteireza, tendo como pano de fundo uma de suas muitas formas de expressão que é por meio da sexualidade e de sua identidade, inclusive trazendo à baila autor que é dos principais pensadores a respeito da sexualidade e, também, do próprio ser humano.

Estabelecido isso como verdade inicial, ora, alguns questionamentos ganham vida: há segregação dentro da comunidade LGBT? Haveria a possibilidade de se verificar exclusões e discriminações dentro de um universo essencialmente minoritário? O grupo dos bissexuais seriam mal vistos e excluídos dentro do próprio universo de lésbicas, gays e demais operadores da comunidade? Se sim, o que isso revelaria a respeito desses nichos? E o que isso diria sobre o ser humano, em última análise? O que se depuraria dos tantos conceitos e “caixinhas” a que os seres humanos criam e se colocam (ou a quem colocam/impõem)?

É possível nos desnudarmos de alguns raciocínios *a priori* refratários para podermos aceitar a reflexão honesta e que não queira machucar as conquistas tão justas ao longo do tempo? Se a resposta for afirmativa, é o momento da reflexão.

### 2.1. Os grupos que compõem o universo LGBT

As comunidades LGBT tem um histórico de luta e de defesa de causas que procuram trazer dignidade, respeito e proteção ao ser humano que tem como único “pecado” o fato de se enxergar de forma diversa daquela que a sociedade lhe impôs ou que sente afeto e desejo por pessoa diversa daquela que a sociedade igualmente lhe impôs.

A rigor, a sigla identificadora da comunidade (LGBT) representa a sua formação, composta inicialmente por pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e transgêneros. No entanto, a comunidade teve variações e incorporou novas letras ao seu signo assim que a comu-

nidade acolheu novas causas e proteções, transformando-se primeiro em LGBTQ (com a adição da letra Q para representar as pessoas que se identificam como *queer*). Depois, deu-se a a adição da letra I, para formar a sigla LGBTQI, uma vez que também ficaram representados os interesses sexuais). Mais adiante a comunidade assumiu a sigla LGBTQIA e depois foi alterada para a sigla LGBTQIAPN (para a proteção também dos assexuais, dos aromânticos primeiro; e, depois, dos pansexuais, polisexuais e não binários). Por fim a comunidade batizou o sinal “+” para formar a sigla atual (LGBTQIAP+), que também “procura representar quaisquer pessoas que não se sintam incluídas em nenhuma das outras identidades cobertas pelas iniciais da sigla”<sup>4</sup>.

Mas uma das principais bandeiras históricas da comunidade LGBTQIAP+ (ou simplesmente LGBT) foi a discriminação de pessoas em razão da sua identidade de gênero ou de sua orientação sexual. Está no seio da comunidade a luta pela igualdade e a proteção da pessoa humana que simplesmente se percebe diferente daquele padrão burguês impositivo. Igualmente reflete um dos maiores dizeres do universo LGBT a proteção daquele que apenas sente atração e afeto de forma distinta dos modelos profetizados por religiões, organismos estatais e por sociedades dotadas de preconceitos espúrios.

## 2.2. Histórico de lutas e de conquistas louváveis

Em um contexto absolutamente distinto, em certa oportunidade Thomas Jefferson disse: “a árvore da vida deve ser regada de tempos em tempos com o sangue dos patriotas e tiranos”. A ordem em questão é bradar um “basta!” para as agruras e os sofrimentos que perseguem determinado grupo, insuflando-o a combater o mal que o deturpa.

A comunidade LGBT por muito tempo foi (e ainda infelizmente é) perseguida das mais variadas formas. Casos de violência – física ou psicológica –; a não observação de direitos fizeram com que as pessoas se unissem e buscassem a formação de uma agenda mínima que dispusesse sobre, entre outros temas, a criminalização da LGBTfobia; o fim da criminalização da homossexualidade e das penas correlatas em diversas localidades do globo; o fim do tratamento das identidades trans como

<sup>4</sup> LGBT: o que é, história e muito mais. Disponível em: <https://www.stoodi.com.br/blog/atualidades/movimento-lgbt-o-que-e/>

patologias; o fi  
tário; a permis  
peito à laicida  
políticos; e a r  
cação.

Hoje essas  
começou de fo  
que impulsion

“Essa rev  
em Nova Yo  
grupo de de  
soas que ali  
se tornado u  
a diversidad  
mativo. Foi r  
naquela noit  
tas e barrica  
mento LGBT  
anos.”

Assim, é de  
cia do movime  
incentivada, m  
também. Afina  
por pessoas, q  
suas particular

## 2.3. A exclusão

Mas é essa me  
radores, que d  
como no caso  
Elizabeth Sara

<sup>5</sup> RAMOS, Tayan  
tidade da Lei Mar  
2. Disponível em:  
cle%20Text-2386-

patologias; o fim dos tratamentos de “cura gay”; o casamento civil igualitário; a permissão para que casais homoafetivos pudessem adotar; o respeito à laicidade do Estado e fim da influência religiosa nos processos políticos; e a representatividade da comunidade nos meios de comunicação.

Hoje essas pautas ganharam vida e tem forte impacto, mas tudo começou de forma mais evidente com a revolta de Stonewall, um marco que impulsionou o movimento LGBTI:

“Essa revolta ocorreu em 28 de junho de 1969, no bairro de Greenwich, em Nova York. Numa noite como qualquer outra, no Stonewall Inn, um grupo de detetives da polícia invadiu o bar e repreendeu duramente as pessoas que ali estavam. Naquela época, quando a cena gay ainda não havia se tornado uma marca registrada nos Estados Unidos, os espaços em que a diversidade sexual era expressa estavam à sombra do mundo heteronormativo. Foi nesse contexto que aqueles presentes no boliche de Stonewall, naquela noite, disseram basta e responderam à repressão policial com revoltas e barricadas que duraram três dias. A partir desse momento, o movimento LGBTI saiu dos bastidores para se juntar à onda revolucionária dos anos.<sup>5</sup>”

Assim, é de suma importância que se aplaudam as décadas de vivência do movimento e que a sua força motriz seja de fato impulsionada e incentivada, mesmo que a comunidade apresente as suas contradições também. Afinal de contas, o movimento é antes de mais nada formado por pessoas, que naturalmente têm reconhecidas em si igualmente as suas particularidades e incongruências.

### 2.3. A exclusão dos bissexuais dentro da comunidade LGBT

Mas é essa mesma comunidade, com tantos triunfos e conceitos inspiradores, que dentro de si também eventualmente rechaça e discrimina, como no caso das pessoas que se dizem bissexuais. Como bem pondera Elizabeth Sarah Lewis,

<sup>5</sup> RAMOS, Tayane Mariza Nascimento. Violência Doméstica entre Lésbicas e a Aplicabilidade da Lei Maria da Penha. 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, Brasília, p. 2. Disponível em: file:///C:/Users/ap/OneDrive%20-%20AGLAW/downloads/1243-Article%20Text-2386-1-10-20200113.pdf



“Apesar de serem teoricamente incluídas pela letra “B” na sigla LGBT, as performances identitárias bissexuais frequentemente são pouco aceitas pelos movimentos LGBT, vistas como “pouco sérias” e discriminadas por não se enquadrarem nas categorias binárias heterossexual/homossexual. Há igualmente um frequente policiamento das performances identitárias dos/as participantes dos movimentos LGBT que se identificam como gays e lésbicas, para que evitem expressões de desejo que supostamente “ameaçam” seu pertencimento à categoria homossexual, reforçando o binário heterossexual/homossexual e o apagamento das performances identitárias bissexuais e da diversidade sexual<sup>6</sup>”.

Sucedem que dentro do movimento LGBT há diversos grupos e subgrupos e neles é comum se perceber uma lógica homonormativa, que exige que as pessoas expressem afetividade e desejo sexual por pessoas do mesmo sexo/gênero, marginalizando aquelas pessoas que não se enquadram nesse perfil.

O fato é que as categorias hetero e homossexuais têm se tornado dois grandes eixos e, em razão dessa ordem binária, aquele indivíduo que se classifique como bissexual tem sofrido segregação e discriminação dentro da própria comunidade. Isso inclusive contraria a autora Eve Sedgwick, que pondera sobre o tema e sustenta que “todas as categorias que usamos hoje em dia são inadequadas porque “a sexualidade se estende em tantas dimensões que não podem, de modo algum, ser bem descritas em termos do gênero do objeto escolhido”<sup>7</sup>.

Novamente citando, a pesquisadora Elisabeth Sarah Lewis afirma que há normalmente três maneiras de se efetuar o policiamento e a discriminação contra a pessoa bissexual dentro da comunidade LGBT, a partir de um processo intitulado apagamento da bissexualidade:

- a) **negação da bissexualidade:** A primeira forma de apagamento se dá a partir da *negação total da existência* da bissexualidade. A

<sup>6</sup> LEWIS, Elisabeth Sarah. Eu quero meu direito como bissexual”: a marginalização discursiva da diversidade sexual dentro do movimento LGBT e propostas para fomentar a sua aceitação”. III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade. Disponível em: [https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/LEWIS\\_ELIZABETH\\_SARA.pdf](https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/LEWIS_ELIZABETH_SARA.pdf)

<sup>7</sup> SEDGWICK. Eve. Epistemology of closet. Berkeley: University of California Press, 1990.

percepção da pesquisadora é inclusive corroborada por Regina Fachinni, quando ela afirma que

“a insistência em categorizar as pessoas que fazem performances identitárias bissexuais ou como heterossexuais ou como homossexuais vem do fato de a bissexualidade negar a fronteira que supostamente separa os/as “homossexuais” dos/as “heterossexuais” e colocar em questão “a própria noção de uma identidade homossexual que, para muitas pessoas, representa um modo de dar ordem às suas vidas”<sup>8</sup>”

Desse modo, as performances identitárias bissexuais são notadas como ameaças à identidade coletiva homossexual que tem historicamente tido dificuldade de se legitimar perante a opinião pública, resultando, ao fim, na negação da bissexualidade.

- b) **bissexualidade é uma fase:** Outro caminho é a alegação de que a bissexualidade seria uma fase. Isso se dá como forma de sugerir que se trataria de um mero momento de confusão mental do indivíduo, típica maneira de desmerecer ou de diminuir um sentimento de uma pessoa, sendo tal postura comparável, inclusive, ao discurso daquele que aponta o dedo e que nega, por exemplo, a homossexualidade em uma pessoa que manifesta sentimentos evidentemente homossexuais.

Comum notar que mesmo no universo LGBT as pessoas bissexuais se vêem impelidas a combater o preconceito da bissexualidade como uma fase ou um período de incerteza, devendo provar que a sua performance identitária é duradoura.

- c) **classificação das pessoas como hétero ou homossexuais:** Igualmente se percebe um movimento forçoso para que a pessoa bissexual se assuma como hétero ou homossexual. As ideias de um

<sup>8</sup> FACHINNI, Regina. Entrecruzando diferenças: Mulheres e (homo)sexualidades na Cidade de São Paulo. In: LEWIS, Elisabeth Sarah. Eu quero meu direito como bissexual: a marginalização discursiva da diversidade sexual dentro do movimento LGBT e propostas para fomentar a sua aceitação”. III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade. Disponível em: [https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/LEWIS\\_ELIZABETH\\_SARA.pdf](https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/LEWIS_ELIZABETH_SARA.pdf).

“retorno à heterossexualidade” ou de “tornar-se” lésbica estão vinculadas à noção da não-existência da bissexualidade, de modo que as pessoas seriam heterossexuais ou são homossexuais.

Ponto a ser claramente considerado é que os indivíduos que fazem performances identitárias bissexuais são invisibilizados porque são percebidos como homossexuais quando presentes em um enlace com um parceiro do mesmo sexo/gênero e como heterossexuais quando estão em um vínculo com uma parceira do sexo/gênero oposto. Dessa feita, parece que ele simplesmente flutua entre dois eixos sem, porém, ocupar um espaço entre ou além deles. Assim como acrescenta Elisabeth Sarah Lewis, opera-se um processo de adequação invisibilizador no qual

“as semelhanças entre as pessoas que se identificam como bissexuais e as que se identificam como heterossexuais ou homossexuais são acrescentadas, dependendo do sexo/gênero do/a parceiro/a da pessoa que se identifica como bissexual, e as diferenças são ignoradas, causando a invisibilização e o apagamento da bissexualidade”<sup>9</sup>.

Mas tão cruéis quanto o processo de apagamento do bissexual dentro do nicho LGBT é a caracterização do bissexual em um invólucro permeado por impressões pejorativas. Não são raras as afirmações que o indivíduo bissexual necessita de um homem e de uma mulher, forçando noções de infidelidade e de promiscuidade.

A percepção é por vezes reforçada a partir de uma lógica que mais particularizada entre as mulheres que se identificam como bissexuais. Nos estudos de Elisabeth Sarah Lewis ela aponta novamente para Fachinni, quando essa detalha o drama de mulheres na seguinte ordem:

“as acusações dirigidas contra elas da parte de mulheres que se identificam como lésbicas são justificadas a partir de raciocínios em que o homem é visto como promíscuo e sujo. Desse modo, a mulher que mantém relações sexuais com homens – como se contaminada pela desqualificação moral que

<sup>9</sup> LEWIS, Elisabeth Sarah. Eu quero meu direito como bissexual”: a marginalização discursiva da diversidade sexual dentro do movimento LGBT e propostas para fomentar a sua aceitação”. III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade. Disponível em: [https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/LEWIS\\_ELIZABETH\\_SARA.pdf](https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/LEWIS_ELIZABETH_SARA.pdf)

### 3. DIVERSIDADE SEXUAL: UMA REFLEXÃO SOBRE PRECONCEITOS NAS COMUNIDADES LGBT

a eles se aplica – é apontada como fonte de riscos emocionais e de saúde e situada a partir de categorias como curiosa, não confiável e aventureira”<sup>10</sup>.

Além disso, também são bastante usuais os depoimentos de pessoas bissexuais que são categorizadas de um modo que faz supor que elas somente se dariam por sexualmente felizes quando necessariamente vivenciando relação com homens e mulheres ao mesmo tempo ou, no mínimo, se em um dado período pudessem se relacionar com uma pessoa de um sexo e depois com outra do sexo oposto. Há exemplo de estudos (como aquele formulado pela Mestre Elisabeth Sarah Lewis) realizados dentro de comunidades LGBT com relatos de pessoas pertencentes a grupos como o Arco-Íris no Rio de Janeiro e o Gai Laços e Aca-sos que tratam de fenômeno que sustenta esse cenário de super sexualização. Tal processo naturalmente está distante de ser mostrar o mais feliz e naturalmente pode gerar tristeza nas pessoas que nutrem o sentimento e o desejo bissexuais.

#### 3. Mas mesmo com a existência de tal preconceito, há caminhos para a comunidade debater o cenário e combater as discriminações?

Uma das figuras mais nobres e disseminadoras de ideias progressistas e inspiradores se revela na pessoa de Paul B. Preciado, filósofo transexual que dedicou parte de sua vida a introjetar em seu corpo e em sua alma doses de testosterona a fim de alterar seu sexo, inaugurando e vivendo uma experiência a que ele nominou de travessia, sempre transcendendo as discussões mais “batidas” a respeito de gênero e a sua identidade.

Mas o mais revelador é que enquanto parte relevante dos debates presentes em comunidades LGBT’s estão na tão almejada fluidez de sentidos, sensações e anseios, parece que Preciado poderia ser o mais vigoroso dos exemplos pois que as fundações da sua identidade; o seu gênero inominado, inominável, aparentemente masculino mas, na verdade, híbrido, utópico, diluído são o que lhe transformam em um ser tão único. Alguém que, na verdade, renunciou à fluidez para habitar um

<sup>10</sup> LEWIS, Elisabeth Sarah. Eu quero meu direito como bissexual”: a marginalização discursiva da diversidade sexual dentro do movimento LGBT e propostas para fomentar a sua aceitação”. III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade. Disponível em: [https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/LEWIS\\_ELIZABETH\\_SARA.pdf](https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/LEWIS_ELIZABETH_SARA.pdf).

corpo sempre na fronteira do género: alguém que se recusa se deixar cindir, sendo um dissidente do sistema sexo-género. Isso porque, ora, a rigor, “enquanto a academia discute a subversão, a opressão, e a futildade do género, Preciado atropela a teoria com o seu próprio corpo, com a sua dissidência, de seringa em punho, cobaia de si mesmo”<sup>11</sup>.

O caminho a que nos propomos é o afastamento da binariedade. Trata-se de rechaçar o “Fla x Flu” e as dicotomias maniqueístas reinantes. Como bem explica Emanuel Madalena,

o próprio caminho trilhado pelo autor apenas confirmou que não há droga mais dura do que o essencialismo de género que endeusa as pequenas diferenças bio-físico-químicas que cavam um fosso entre duas metades da humanidade. Diferenças essas que foram progressivamente vincadas ao longo do tempo por inúmeras camadas de significados espúrios<sup>12</sup>.

Vale dizer que até o século XVII a epistemologia sexual do modelo soberano era intitulada por aquilo que historiador Thomas Laqueur denominou de um “sistema de similaridades”, de tal sorte que a anatomia sexual feminina foi estabelecida como uma variação frágil, interiorizada e degenerada do único sexo que possuía uma existência ontológica, o masculino. Assim, os ovários eram tidos como os testículos internos e a vagina seria um mero pênis invertido, que serviria apenas como um receptáculo para os órgãos sexuais masculinos. Logo, o homem seria vislumbrado como o modelo perfeito do humano enquanto a mulher seria o singelo elemento reprodutor.

Mais adiante, no século seguinte, Laqueur visualiza um novo regime sexopolítico e também visual, então chamado de “sistema de oposições”. Por essa nova ordem, se antes a anatomia feminina apenas representava uma inversão ou uma interiorização do sexo masculino, a nova sistemática de fato representaria a percepção de uma anatomia única, autónoma, cujas funções responderiam uma própria lógica. Mas, de acordo com o historiador,

<sup>11</sup> MADALENA, Emanuel. Paul B. Preciado e o sexo em Urano. Disponível em: [https://online.sapo.pt/artigo/711696/paul-b-preciado-e-o-sexo-em-urano?seccao=Mais\\_i](https://online.sapo.pt/artigo/711696/paul-b-preciado-e-o-sexo-em-urano?seccao=Mais_i)

<sup>12</sup> MADALENA, Emanuel. Paul B. Preciado e o sexo em Urano. Disponível em: [https://online.sapo.pt/artigo/711696/paul-b-preciado-e-o-sexo-em-urano?seccao=Mais\\_i](https://online.sapo.pt/artigo/711696/paul-b-preciado-e-o-sexo-em-urano?seccao=Mais_i)

“a invenção do que poderia ser chamado de estética da diferença sexual (e racial) é necessária para estabelecer uma hierarquia político-anatômica entre os sexos (masculino e feminino) e as raças (...) A mudança que vai dar à luz o regime disciplinar começa com a gestão política da sífilis, o advento da diferença sexual, a repressão técnica da masturbação e a invenção das identidades sexuais”<sup>13</sup>.

Reforçando essa mesma lógica, Preciado diz que:

“o auge dessas tecnologias rígidas e pesadas de produção da identidade sexual será alcançado em 1868 com a patologização da homossexualidade e a normatização burguesa da heterossexualidade. O corpo e seus produtos se tornarão propriedade do masculino/marido/pai e, por extensão, do Estado e de Deus. Nesse sistema de reconhecimento, qualquer divergência corporal da norma é considerada uma monstruosidade, uma violação das leis da natureza ou uma perversão, uma violação das leis morais. Da mesma forma que a diferença sexual é elevada a uma categoria não apenas natural, mas também transcendental, as diferenças entre homossexualidade e heterossexualidade aparecem como anatômicas e psicológicas”<sup>14</sup>.

Daí o debate sob a lógica de Paul B. Preciado, a quem por vezes se aplaude e a quem por vezes se questiona e não se entende. Porque Preciado parece não se encaixar em nenhuma caixinha. Porque Paul B. Preciado parece simplesmente saber disso e não se importar, sublimando as discussões mundanas sobre isso. Preciado realizou a sua “travessia” porque seu corpo não lhe satisfazia, porque as fronteiras nele presentes não faziam sentido para ele. Ele queria orbitar em outra órbita e ao se perceber em algum momento transgênero e querer transmutar do sexo feminino ao masculino ele abriu uma porta que apresentou um conjunto de incertezas negras.

Ao fim, o que ele parece ter percebido foi que, acima de tudo, ele não era mais uma mulher, mas tampouco tinha se transformado em um

<sup>13</sup> LAQUEUR, Thomas. *Making Sex: Body and Gender from Greeks to Freud*, MA: Harvard University Press, 1992, p. 63 – 108. In: PRECIADO, Paul B. *Testojunkie – sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. Nº 1 edições, 2018, p. 81.

<sup>14</sup> PRECIADO, Paul B. *Testojunkie – sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. Nº 1 edições, 2018, p. 82.

homem. E que ele não era *cis* nem *trans* nem mesmo *não-binário*. Mas que ele estava permanentemente planando e transitando, sim, entre todos os gêneros, num estado de fluidez perene.

Assim, será que ele, Preciado, é que está certo e que o padrão institucionalizado é que está errado? Será que Preciado é que se sentiu perdido em algum momento e que, procurando incansavelmente o seu caminho, encontrou-se sem bússola ao fim e ao cabo? Será que haveria certo e errado? Será que o maniqueísmo que tanto consome o ser humano em busca de explicações faz sentido?

O recado que se extrai é a rejeição de todas as noções binárias e de todas as fronteiras, e até daquilo a que se intitula *subjetividade*, que “não é mais do que a cicatriz deixada pelo corte na multiplicidade do que podíamos ter sido. Sobre essa cicatriz assenta a propriedade, funda-se a família e lega-se a herança. Sobre essa cicatriz escreve-se o nome e afirma-se a identidade sexual”.

O fato é que o salto em direção a água realizado pelo autor é próprio daquele que mergulha no âmago e que não se conforma com as premissas estabilizadas dentro da própria comunidade que outrora poderia abraçá-lo. Porque esse universo também apresenta as suas incongruências. Porque formado por ser humanos, cada qual com os seus filtros formadores não apenas de um indivíduo hetero, homo bissexual; ou *cis*, *transgênero* ou *não binário*, mas sim, antes de mais nada, um ser humano imperfeito em sua inteireza.

### Conclusões

O que eu observo é que a sexualidade e a diversidade sexual nada mais representam senão do que um sinal do próprio tempo. A sexualidade e a diversidade sexual não são ilhas dentro da sociedade ocidental pós moderna com inclinações latentes a uma modernidade líquida. Se as relações em geral são marcadas pela efemeridade, pelo hedonismo; se o mundo é guiado pela necessidade contumaz de exibicionismo; se as pessoas necessitam tanto da aceitação do outro e têm tanto a necessidade de serem vistas e admiradas – enfim, se o mundo se exterioriza cada vez mais a partir de preceitos individualistas e etéreos, por que o universo da sexualidade e da diversidade seria diferente? Por que no mundo da sexualidade as pessoas iriam se despir dos comportamentos em todas as demais áreas de suas vidas, que as fizeram chegar onde estão e serem o

que são, e dariam de ombros para outros preconceitos? Vê-se um discurso progressista e calcado na modernidade, supostamente moldado pela aceitação e pela diversidade, mas mesmo em grupos LGBT (e as suas *filiais*) há certo preconceito e segregação. Há forte policiamento e desmerecimento de agrupamentos que supostamente professam espírito que não coaduna com aquele da ideologia dominante. Isso se verifica por exemplo na clara discriminação das pessoas bissexuais dentro da comunidade LGBT, que dá de ombros e que desmerece o indivíduo que nutre atração e desejo sexuais por pessoas dos sexos masculinos e feminino ao mesmo tempo, sendo vistas como pouco sérias.

No fundo, o que o ser humano faz é reduzir as questões como mecanismo de melhor compreensão do fenómeno. Definir, conceituar e teorizar tem por premissa facilitar o entendimento de algo. E quando a pessoa ou qualquer entidade procura catalogar alguém ou um conjunto de atos ele procura fazer com que aquela pessoa ou com que aquelas atividades sejam mais bem compreendidas e, ainda, com que ambos, pessoas e conjunto de atos, tenham um “q” de pertencimento a algo. Ser catalogado e pertencer a um grupo acalenta e dá um sentido identitário ao indivíduo.

Mas, ao mesmo tempo, pertencer a um grupo pode representar automaticamente a exclusão de outros, fazendo com que cada qual tenha a sua causa e o seu carimbo de identificação moral.

Soa justo um grupo de indivíduos que se notabiliza por lutar contra exclusões históricas e deletérias defenestrar dentro de si um subgrupo que também faz parte das mesmas discriminações pelas quais aquele passou?

No fundo, parece que muitas pessoas que se enxergam como *cis gênero* e que do ponto de vista da orientação sexual sente atração pelo sexo oposto, não parecem perceber que ela dá voz dentro de si a um desejo sexual, assim aceitando e lutando pelo seu direito de não ser discriminada nem diminuída em razão dessa volúpia. Por outro lado, ela não pratica o mesmo movimento de aceitação de alguém que se enxerga igualmente *cis gênero*, mas que sente atração sexual por indivíduos dos dois sexos.

Isso é, o preconceito está enlatado na pessoa, que o rechaça quando aquele argumento lhe é contrário a seus interesses ou desejos mais inatos. Mas ele por vezes ganha vida quando contraria a sua narrativa racional que está desapegada de interesses pessoais nele embutidos.



Não à toa a percepção de que os melhores caminhos sejam aqueles que absorvam os ideais propostos por Paul B. Preciado. Filósofo este que a partir de sua profunda inquietação, doou a si mesmo para provocar as barreiras do mundo da sexualidade. Trouxe ao mundo o seu Manifesto Contrassexual, em que destacou que a contrassexualidade não seria uma criação de uma nova natureza, mas sim o fim da própria Natureza (com N maiúsculo) como ordem que legitima a sujeição de certos corpos a outros. Então, para o autor, a contrassexualidade consiste em uma “análise crítica da diferença de gênero e de sexo, produto do contrato social heterocentrado, cujas performatividades normativas foram inscritas nos corpos como verdades biológicas. (...) No âmbito do contrato contrassexual, os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes, e reconhecem ou outros corpos como falantes”<sup>15</sup>.

Daí que se tem que o artigo 1º do Manifesto Contrassexual ser:

*A sociedade contrassexual demanda que se apaguem as denominações “masculino” e “feminino” correspondentes às categorias biológicas (homem/mulher, macho/fêmea) da carteira de identidade, assim como de todos os formulários administrativos e legais de caráter social. Os códigos da masculinidade e da feminilidade se transformam em registros abertos à disposição dos corpos falantes no âmbito de contratos consensuais temporários”<sup>16</sup>.*

Portanto, as noções alentadoras que resultam detalham a necessidade de se defenestrar um sistema que categoriza e que entrincheira as pessoas em receptáculos reducionistas, que isola os indivíduos em seus agrupamentos e que, ao fim, propaga as distinções mais do que as similaridades.

## Referências

GUEDES, Maria Eunice Figueiredo. Gênero, o que é isso? In: RAMOS, Tayane Mariza Nascimento. Violência Doméstica entre Lésbicas e a Aplicabilidade da Lei Maria da Penha. 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, Brasília.

<sup>15</sup> PRECIADO, Paul B. Manifesto Contrassexual. São Paulo: Nº 1 edições, 2017, p. 21.

<sup>16</sup> PRECIADO, Paul B. Manifesto Contrassexual. São Paulo: Nº 1 edições, 2017, p. 35.

3. DIVERSIDADE SEXUAL: UMA REFLEXÃO SOBRE PRECONCEITOS NAS COMUNIDADES LGBT

LEWIS, Elisabeth Sarah. Eu quero meu direito como bissexual": a marginalização discursiva da diversidade sexual dentro do movimento LGBT e propostas para fomentar a sua aceitação". III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade: [https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/LEWIS\\_ELIZABETH\\_SARA.pdf](https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/LEWIS_ELIZABETH_SARA.pdf)

MEDEIROS, Leticia; MORAES, Isabela. Gênero: você entende o que significa?

MADALENA, Emanuel. Paul B. Preciado e o sexo em Urano. Disponível em: [https://ionline.sapo.pt/artigo/711696/paul-b-preciado-e-o-sexo-em-urano?seccao=Mais\\_i](https://ionline.sapo.pt/artigo/711696/paul-b-preciado-e-o-sexo-em-urano?seccao=Mais_i).

PRECIADO, Paul B. Manifesto Contrassexual. São Paulo: Nº 1 edições, 2017

PRECIADO, Paul B. Testojunkie – sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Nº 1 edições, 2018.

SCOTT, Joan. Gender on the politics of history. New York. Columbia University Press, 1988, traduzido e publicado por Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, 1995.

SEDGWICK, Eve. Epistemology of closet. Berkeley: University of California Press, 1990.

LGBT: o que é, história e muito mais. <https://www.politize.com.br/vamos-falar-sobre-genero/>.